

EDITORIAL

ΠΕΡΙ ΔΙΑΙΤΗΣ ΟΞΕΩΝ: a “saúde” dos Estudos Clássicos no Brasil

... et ait illis: *‘Quid dormitis? Surgite.’*

... e lhes disse: “Por que dormis? Levantai-vos.”

No editorial anterior (CLASSICA 21.2), foram abordados os aviltantes ataques à comunidade dos Estudos Clássicos pelo mundo, que culminaram com a recente *descontinuidade* de alguns departamentos da área, consequência da implantação de ações de cunho administrativo, inspiradas no moderno conceito de *reengenharia* de recursos, que, ao menos no seio da universidade, tende a vilipendiar as Humanidades em geral e os Estudos Clássicos em particular. Concluiu-se, entretanto, com a constatação de que, caminhando na contramão dessa nefanda tendência, nossa área desfruta de ótima saúde no Brasil, mercê da multiplicação dos pólos empreendedores de pesquisas e eventos, quer nas regiões e estados em que ela já era tradicionalmente expressiva, quer em novas instituições, o que se constata pelo aumento significativo de toda a sorte indicadores – eventos, ciclos de estudos e de debates, seminários, conferências e palestras, cursos de pequena e média duração, abertura de linhas de pesquisa em Clássicas no âmbito de programas de pós-graduação, realização de concursos de contratação de docentes em diversos setores (Arqueologia, Filosofia e História Antigas, Letras Clássicas, etc.) – todos, em geral, noticiados de maneira abundante e constante pelos mais variados canais, dos quais o mais importante é, sem dúvida, o boletim informativo eletrônico INFOCLASSICAS, cujo incansável moderador é também o atual presidente de nossa Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, o Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus.

Causa ou consequência (ou um pouco de cada) desse invejável vigor exibido pelas Clássicas em nosso país, a criação da SBEC em 1985 foi, ela própria, também um primeiro sinal disso, a que se somam fatos notáveis como o fortalecimento ocorrido nos últimos anos, pela via da realização de concursos de contratação de pessoal docente, das áreas de Língua e Literatura Latinas e Língua e Literatura Gregas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, matriz e baluarte histórico das Letras Clássicas entre nós. Tais áreas têm hoje a mais alentada constituição de sua história, fato que só poderá contribuir – como, de fato, tem já acontecido – com a

ampliação do oferecimento de cursos de graduação e de pós-graduação para a formação de novos quadros profissionais, de modo a ampliar mais ainda os recursos humanos em Clássicas no Brasil. Tal expansão, note-se, empreendeu-se tão somente pela aclamação institucional tanto da importância da formação oferecida pelos componentes de Letras Clássicas em cursos de Letras quanto dos excelentes serviços prestados pelos docentes e pesquisadores da área na ampliação de seu impacto e reconhecimento em âmbitos nacional e internacional, e não dependeu preponderantemente de barganhas administrativas nem teve de arcar com contrapartidas onerosas para tais áreas, como a de garantir elevada carga horária semanal em cursos de graduação, conforme tem sido a praxe de certas universidades.

Apesar dos bons e favoráveis ventos que parecem soprar para os Estudos Clássicos em quase toda parte do país, em alguns recantos isso não parece ocorrer, como, por exemplo, na Universidade Estadual Paulista (Unesp), que mantém cursos regulares e completos de latim e grego na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) de Araraquara/SP – sede e co-partícipe de várias diretorias da SBEC ao longo da história – bem como formação básica em latim nos cursos de Letras de suas unidades universitárias situadas em São José do Rio Preto e em Assis. Na FCL de Araraquara, ao contrário, apesar de sua contribuição histórica para a manutenção e proliferação dos Estudos Clássicos brasileiros, trava-se uma verdadeira ‘queda-de-braço’, há mais de cinco anos, contra as determinações aparentemente inflexíveis da Reitoria da universidade e de sua Pró-Reitoria de Graduação. Todos os cursos de graduação da Unesp, orientados para a formação de licenciaturas, tiveram de passar por uma reestruturação por força dos dispositivos da nova LDB. A reestruturação curricular do Curso de Letras de Araraquara adotou, em seu projeto pedagógico, o princípio do paralelismo absoluto de oferta de disciplinas nos dois períodos de funcionamento do curso (diurno e noturno), instituindo, assim, uma virtual democratização de todas as linhas de formação (como a de Língua e Literatura Latinas), que passariam a ser oferecidas comumente a todos os interessados em ambos os períodos (algumas eram oferecidas em um período somente). Mesmo aprovado em todas as instâncias da universidade, a Unesp tem impedido o Curso de Letras de Araraquara de executar plenamente seu projeto pedagógico, com negações sistemáticas (por meio de toda sorte de manobras administrativas) da autorização para abrir a linha de formação em latim, sob alegações como a de que o número de formandos é baixo, o que não justificaria novas contratações (uma consequência da abertura de uma linha de formação em latim no período noturno), muito embora se tenha provado estatística, contrastiva e proporcionalmente que o número de formandos da Unesp de Araraquara é, em geral, praticamente o mesmo que, por exemplo, o do latim da USP. Trata-se, como se vê, de um raciocínio exclusivamente contábil, administrativo e pecuniário, bem ao gosto dos ditames produtivistas

da era da *nova universidade*. De qualquer forma, diante de um critério numérico, massificante e empresarial como esse, é preciso reconhecer que grego e latim nunca formaram muito, em momento algum, em nenhuma parte do mundo, fato que mostra como ele contrasta perigosamente com o espírito da UNIVERSIDADE em geral e das Clássicas em particular.

A despeito desta denúncia – a fim não apenas de cientificar, mas também e principalmente de preparar a comunidade de classicistas, membros da SBEC, para que estejam atentos contra novas tentativas de dilapidar os postos da pesquisa institucionalizada da área –, a produção de conhecimento e sua penetração e ventilação por todo o país e mesmo fora dele é notória e, por isso, é grande a satisfação de trazer a todos os associados e interessados o número 22.1 (2009) de CLASSICA, para que se aprofundem ainda mais as discussões e reflexões dos objetos críticos e teóricos e dos textos e assuntos da preferência de cada um.

Boa Leitura a todos!

PAULO MARTINS
Universidade de São Paulo
Editor e Presidente do Conselho Editorial

JOÃO BATISTA TOLEDO PRADO
Universidade Estadual Paulista
Co-Editor